

## ARTIGO

### Perfil da automedicação por clientes de uma farmácia privada em cidade do Agreste de Pernambuco

*Profile of self-medication in a private pharmacy in a city in the Agreste of Pernambuco*

**Marília Clementino dos Santos**

Centro Universitário Unifavip-Wyden, E-mail: [marilia.sntos@gmail.com](mailto:marilia.sntos@gmail.com)

**Meiryenne Lima de Andrade**

Centro Universitário Unifavip-Wyden, E-mail: [meiryenne10@hotmail.com](mailto:meiryenne10@hotmail.com)

**Viviane da Silva Lima**

Faculdade de Integração do Sertão - FIS, E-mail: [limmavivianne@gmail.com](mailto:limmavivianne@gmail.com)

**Gabriela Cavalcante da Silva**

Centro Universitário Unifavip-Wyden, E-mail: [gcavalcante1988@gmail.com](mailto:gcavalcante1988@gmail.com)

**Resumo:** A automedicação é delineada como prática de utilização de medicamento sem a devida prescrição, orientação e acompanhamento de qualquer profissional capacitado, sendo assim uma ação pelo qual os indivíduos tratam enfermidades, sinais e sintomas usando medicamentos por responsabilidade própria ou por indicação, sendo estes permitidos para venda sem prescrição médica. Outros fatores relevantes que potencializam o uso de medicamentos isentos de prescrição (MIPs), aumentando o índice indiscriminado, são o marketing, a disponibilidade e fácil acesso. Este estudo baseou-se numa pesquisa quantitativa com o objetivo de avaliar o predomínio da automedicação por populares residentes no Agreste pernambucano atendidos em farmácia privada. Foram aplicados e questionários considerando os conceitos em automedicação, fatores e consequências desta prática e medicamentos mais utilizados; além de, orientar sobre os riscos da automedicação e o uso correto dos medicamentos. A faixa etária frequente na prática da automedicação foi de 25-35 anos, o motivo mais relatado foi dor de cabeça e a classe terapêutica analgésico/antitérmico foi a mais comum. Porém, a maioria dos entrevistados 91,8% relatou saber dos riscos da prática e 21,9% que não leem a bula. Sendo assim destaca-se a importância de orientação sobre os riscos da automedicação, potencializando e instituindo ações de prevenção de doenças, evidenciando o papel do farmacêutico.

**Palavras-chave:** Automedicação; Intoxicação; Propaganda.

**Abstract:** Self-medication is delineated as a practice of medication use without the proper prescription, guidance and follow-up of any trained professional, thus being an action whereby individuals treat illnesses, signs and symptoms using medications on their own responsibility or by indication, which are allowed to be sold without a prescription. Other relevant factors that enhance the use of over-the-counter medications (MIPs), increasing the indiscriminate rate, are marketing, availability and easy access. This study was based on a quantitative research aiming to evaluate the predominance of self-medication by popular residents of the Pernambuco Agreste who attended a private pharmacy. They were applied and questionnaires considering the concepts in self-medication, factors and consequences of this practice and most used drugs; and advise on the risks of self-medication and the correct use of medicines. The frequent age range in the practice of self-medication was 25-35 years, the most reported reason was headache and the most common analgesic / antipyretic therapeutic class. However, most respondents 91.8% reported knowing the risks of the practice and 21.9% who do not read the package insert. Thus, the importance of guiding the risks of self-medication is highlighted, enhancing and instituting disease prevention actions, highlighting the role of the pharmacist.

**Key words:** Self-medication; Intoxication; Advertisement.

Recebido em: 09/01/2020

Aprovado em: 24/02/2020



## INTRODUÇÃO

Comumente presenciamos feitos da população nada Entende-se como automedicação a forma de utilização de medicamento sem a prescrição, orientação e/ ou acompanhamento de qualquer profissional capacitado Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), logo assim, um ato pelo qual os indivíduos tratam doenças, sinais e sintomas usando medicamentos permitidos para venda, sendo estes de eficácia e segurança comprovadas quando usados racionalmente (ANVISA, 2012). Os medicamentos constituem produtos farmacêuticos tecnicamente adquiridos ou elaborados, com o intuito profilático, curativo, paliativo ou para fins de diagnóstico, os mesmos contêm grande valor simbólico para a população, sobrepujando a sua ação terapêutica, o que colabora para seu maior consumo e uso irracional (SILVA et al., 2011).

O Brasil é um dos principais consumidores mundiais de medicamentos ocupando assim a quinta posição no ranking mundial e a primeira posição na América Latina, cerca de 80 milhões de pessoas aderem a essa prática que gera aproximadamente 22,1 bilhões de dólares anualmente, aumentando assim a disponibilidade e a variedade de medicamentos e, conseqüentemente o uso irracional e os riscos de intoxicação. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os medicamentos são incorretamente prescritos, dispensados e vendidos, além de metade dos pacientes utilizá-los de maneira inadequada (PAIM et al., 2016).

Dentre os problemas da automedicação estão os danos que ela pode ocasionar ao indivíduo, sua forma indiscriminada pode camuflar sinais e sintomas importantes para o diagnóstico de patologias pré-existentes que necessitem de uma maior atenção tornando-as mais graves ou até desenvolvendo outras. Logo pode resultar em agravos à saúde, um deles é a intoxicação medicamentosa que pode ser desenvolvida por qualquer classe terapêutica levando o surgimento de efeitos adversos até mesmo o risco de morte (FREITAS; MARQUES; DUARTE, 2017).

A venda e propaganda de medicamentos que podem ser adquiridos sem prescrição médica no Brasil são regulamentadas pela ANVISA, porém não há nenhuma orientação para aqueles que os usufruem, apesar de poder adquirir os medicamentos sem prescrição não é necessário, nem convém que o paciente faça uso indevidamente do mesmo, ou seja, na hora que lhe pareça mais propícia e na dose que lhe convém (SILVA, 2014). As propagandas e a facilidade das informações de medicamentos pela internet anunciam curas imediatas, indicando medicamentos como produto, onde todas as pessoas devem ter acesso para o alívio instantâneo de sintomas indesejáveis, e ainda diz mais que caso os sintomas persistirem deverá procurar um médico, incentivando o uso de medicamentos por conta própria e orientando a buscar por ajuda de um médico só se os sintomas não desaparecerem ao invés de conscientizar os indivíduos sobre os perigos da automedicação (FAVARO et al., 2017).

Outro fator relevante é a adaptação das drogarias, que vêm tornando-se verdadeiros supermercados e oferecem cada vez mais uma variedade de produtos, sejam medicamentos, cosméticos, alimentos entre outros, tudo isso com a finalidade de atrair e satisfazer clientes, garantindo assim seu retorno financeiro (SOUSA; SILVA; S. NETO, 2008). As práticas vigentes permitem apontar que o uso dos medicamentos no Brasil não se subordina à atual Política Nacional de Medicamentos (Portaria do Ministério da Saúde nº 3.916 de 30 de outubro de 1998), segundo a qual a utilização dos produtos farmacêuticos deve se dar de forma racional, ética e correta (VASCONCELOS et al., 2017).

De acordo com a organização mundial da saúde (OMS) dentre outros fatores que fazem o Brasil despontar em casos de automedicação estão os aspectos culturais, precariedade do sistema de saúde, grande variedade de produtos ofertados pela indústria farmacêutica, livre acesso às informações sobre doenças por meio da internet e, falta de fiscalização na venda de medicamentos prescritos. O ser humano busca o uso de medicamentos com o objetivo do imediato alívio de sintomas indesejáveis podendo além de mascarar doenças graves acarretando vários danos à saúde, como também pode provocar reações alérgicas, dependência e até mesmo casos de intoxicação e morte (MATOS et al., 2018).

Com o surgimento de diversos recursos tecnológicos, foram criados vários aplicativos permitindo o conhecimento à população em várias áreas como saúde, educação e comercial. já foi verificado que a busca por aplicativos com informações de bulas de medicamentos são bastante procurados e tem como público-alvo os profissionais de saúde. Os aplicativos móveis mais realizados downloads são os Bulário Bulas de Remédios FREE, Caixa de Remédios, SafeDose, MedSUS, Manual de Medicamentos Nestlé, Guia Digital, Medicamento CID10, Genéricos Brasil, Bulário, iBulas Medicamentos. Esses aplicativos na maior parte apresentam a bulas dos medicamentos em sua versão integral, sem restrições de pesquisa para as pessoas em geral, podendo levar vantagens e desvantagens, sendo necessário um aproveitamento atento e criterioso dos mesmos, pois nem todos expressam a devida advertência quanto à importância da prescrição ou orientação médica pregressa, propiciando a automedicação (MARINHO; CASTRO; MARINHO, 2015).

Dentre os medicamentos mais procurados em farmácias ou em conveniências no Brasil são analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, anticoncepcional, antiácidos, anti-histamínico antigripal, descongestionante, antirreumático, miorelaxante. Portanto os não opioides são os mais vendidos, isso acontece pelo fato que os indivíduos não suportam sentir dor, visto que esta circunstância afeta o bem-estar, o raciocínio, a eficácia, além de atrapalhar o relacionamento social e afetivo. Os analgésicos são fármacos que regulam a dor sem provocar ao paciente perda da consciência sem causar dependência física, no organismo vai atuar minimizando a resposta dolorosa,

enquanto os antitérmicos conhecidos também como antipiréticos tem a finalidade de reverter à febre diretamente no hipotálamo, reduzindo assim a temperatura corpórea (GARCEZ; BRITO, 2012; BELO; MAIO; GOMES, 2017).

Em segunda posição os antitérmicos e posteriormente os anti-inflamatórios não esteroidais e antibióticos, que pode ser correlacionado com a busca de mães para automedicarem seus filhos em tentativas de aliviar sintomas como febre, gripe, resfriado e infecções de garganta. Nas crianças o uso impróprio de medicações sem orientações de profissionais habilitados, podem ocasionar danos frequentemente correlacionados por posologias incorretas pelo fato de ter que ajustar dose de acordo com o peso de cada criança (SILVA et al., 2018).

No idoso as probabilidades de reações adversas são grandes pelo fato que o organismo sofre mudança com o envelhecimento ocasionando a diminuição da massa muscular, alterações físicas, metabolismo hepático e homeostático, e a redução de filtração e excreção resultando no acúmulo de substância tóxica. Outro agravante é o aparecimento das doenças crônicas propiciando assim a utilização de medicações contínuas para obter uma melhoria na qualidade de vida. Porém muitas vezes os idosos não conseguem aderir ao tratamento correto e se acabam por se automedicar (SILVA; FONTOURA, 2014).

Nas crianças o uso impróprio de medicações sem orientações de profissionais habilitados, podem ocasionar danos na vida desses pequenos. Frequentemente isso acontece por posologias incorretas pelo fato de ter que ajustar dose de acordo com o peso de cada criança. As principais motivações que levam os pais ou os responsáveis a cometer a prática de automedicação são para tratar de sintomas simples como febre, tosse, diarreia, resfriados, congestão nasal, alergias, dores e vômitos (BELO; MAIO; GOMES, 2017; SILVA et al., 2018).

Segundo alguns estudos, outro público alvo para automedicação são os estudantes universitários da área de saúde, há a hipótese de que através do conhecimento adquirido na universidade possuam maior confiança e segurança para esta ação, pois acreditam conhecer todos os sintomas e assim relacionar com as enfermidades, tomados como base ou justificativa para se automedicarem. Outro fato que levam os estudantes a optar pela automedicação é acreditar que os problemas de saúde não precisam de intervenções clínicas por ser de fácil solução com uso de medicamentos específicos, ou por adotar conduta médica anterior em circunstâncias iguais. Soma-se ainda o fato de indicação por amigos, familiares, vizinhos, funcionários de farmácias e pesquisa em prescrições antigas influenciam de forma expressiva a prática da automedicação (GALATO; MADALENA; PEREIRA, 2012; BORGES, 2013).

Um agravamento expressivo da automedicação é o desenvolvimento da intoxicação, de acordo com a estatística do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas FIOCRUZ/ SINITOX, no ano de 2016 foram registrados na região nordeste 2459 casos sendo que 1418 foram da capital pernambucana,

dentre esses foram 293 casos em crianças menores de cinco anos o que corresponde (20,6%), ou seja, um número bastante significativo (SINITOX, 2016).

A intoxicação por automedicação se dá quando o organismo é exposto a determinada substância química, podendo ser uma reação normal do organismo ou devido a alta dose e até mesmo pela variedade de medicamentos utilizados nas terapias. A intoxicação exógena ocorre quando o agente tóxico rompe a homeostasia do corpo, causando um estado patológico que pode ser moderado ou grave. No Brasil além da intoxicação por automedicação ser mais comum nas mulheres, é considerado um problema de saúde pública (KLINGER et al., 2016; LEITE; MONTEIRO, 2017).

O profissional farmacêutico desenvolve um papel fundamental, informando e orientando seus pacientes, tanto na forma verbal como por escrito, sobre a correta administração dos medicamentos, dos possíveis efeitos colaterais, da adequada conduta diante do esquecimento de alguma dose e ainda orientar sobre os riscos da automedicação e da interrupção de um tratamento sem o conhecimento do médico, ainda que alguns medicamentos não necessitem da prescrição médica para serem comprados os mesmos não estão livres de causarem reações adversas, sendo assim, é nesse momento que é primordial a assistência farmacêutica como fonte de informação e cuidado. O cuidado farmacêutico visa uma melhor e maior qualidade de vida, além de contribuir para a promoção da saúde, orientando seus pacientes sobre qual melhor horário para administrar determinado medicamento, assegurando-lhe uma maior e melhor eficácia e conseqüentemente o sucesso da farmacoterapia (SOTERIO, 2016; MOURA et al., 2018).

Diante do exposto, objetivou-se avaliar como se desenvolve a prática da automedicação por clientes usuários de uma farmácia privada do município de Vertentes, no estado de Pernambuco.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Foi realizada uma pesquisa quantitativa transversal. Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário do Vale do Ipojuca UNIFAVIP/Wyden localizado na cidade de Caruaru – PE, através do parecer número 3.026.920, através de questionário aplicado durante os meses de dezembro de 2018, janeiro e fevereiro de 2019, durante a compra de medicamentos na farmácia conforme autorização do proprietário. O estabelecimento tem como foco a venda direta de medicamentos de diversas classes terapêuticas, entre elas antimicrobianos e psicotrópicos.

Em seguida foram analisados todos os questionários executados, cujos clientes tinham idade maior ou igual de 18 anos, que aceitaram participar da pesquisa assinando devidamente o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecimento). E aqueles que não concordaram em participar da pesquisa ou que quiseram desistir em algum momento da aplicação do questionário. As questões incluíam dados pessoais, como sexo, idade e grau de escolaridade, além de questões relacionadas aos medicamentos, dentre elas os

motivos pelos quais buscam pela automedicação, se houve indicação por algum conhecido, se faz automedicação com frequência, quais os tipos de medicamentos que mais consomem, se tem conhecimento sobre os riscos que essa prática pode trazer, se possuem o hábito de ler a bula e quem os orientava sobre qual medicamento utilizar. Os dados obtidos foram tabulados, categorizados e digitados no banco de dados do programa Microsoft Office Excel 2010.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas 270 pessoas, sendo 218 do sexo feminino e 52 do sexo masculino. Dentre os clientes, 63 possuíam idade entre 18 a 24 anos (23,3%), 114 entre 25 a 35 anos (42,2%), 52 entre 36 a 45 anos (19,3%) e 41 com idade superior a 46 anos (15,2%). Quanto ao grau de escolaridade, 134 (49,6%) possuíam ensino médio completo, 78 (28,8%) haviam estudado até o nono ano, 29 (10,7%) estudaram até o quarto ano e somente 28 (10,3%) possuíam ensino superior.

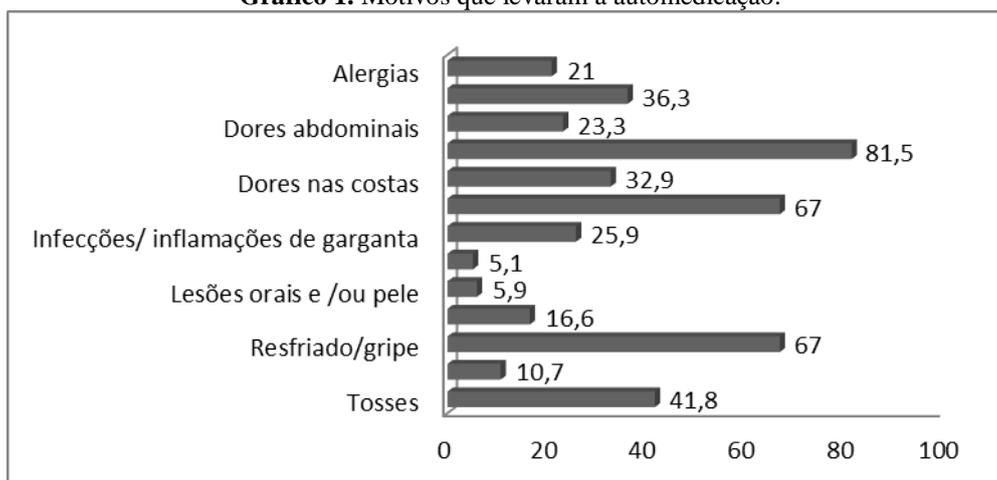
De acordo com o estudo desenvolvido por Oliveira et al. (2013), a automedicação ocorre de forma mais acentuada no público com faixa etária entre 20 a 40 anos de idade, e em menor proporção em idosos, concordando com os resultados obtidos neste estudo. Isto pode estar associado ao fato de que nesta faixa etária os clientes já possuem certo grau de instrução escolar, já trabalham e se acham independentes, possuem ritmo de vida acelerado e talvez, sofram influência do meio em que convivem. Diferentes destes, os entrevistados com idade maior que 46 anos

possuem um receio em relação ao uso de medicação por conta própria, muitas vezes só utilizando conforme orientação e prescrição médica.

Neste estudo, 100% dos entrevistados compraram ou fizeram uso de medicações sem receita médica, geralmente para uso próprio ou para medicar familiares e/ou amigos. Muitos fatores levam à automedicação e fazem com que a população desenvolva o hábito de se automedicar por acharem o mais sensato, porém o maior agravante é acreditar que os sintomas são de fácil resolução, como 199 (73,7%) dos entrevistados. Já 54 (20,0%) praticam automedicação por não ter tempo de ir ao médico e 17 (6,3%) relatam efetuarem o uso de medicação por conta própria por falta de profissionais médicos. Isso se relaciona ao fato de que há dificuldades na marcação de consultas médicas devido à alta demanda de agendamentos ou por falta de médicos no Sistema Único de Saúde – SUS. Esses resultados corroboram com o estudo realizado por Silva et al. (2015), onde apontam que a indicação dessa prática se dá por influências familiares ou de amigos com 124 (44,4%), seguidos pela influência publicitária com 40 (14,3%), pela dificuldade para marcar consultas médicas 39 (14,0%), por decisão própria 38 (13,6%), devido ao costume de utilização do medicamento 15 (5,4%) e outros motivos 23 (8,3%).

Os motivos que levaram à procura pela automedicação estão descritos no gráfico 1, o qual indica dor de cabeça, como fator mais frequente, 220 (81,5%) dos entrevistados. Vale salientar que alguns clientes relataram mais de uma causa, justificando-se os valores superiores a 100% no total, como destaca o gráfico.

Gráfico 1. Motivos que levaram a automedicação.



Alves e Malafaia (2014) e Matos et al. (2018), demonstram em seus estudos que a procura de fármacos para dores de cabeça é a maior causa da automedicação, o que está em concordância com o presente estudo e explica a posição dos analgésicos como o grupo terapêutico mais utilizado nesta prática. Os resfriados e a gripe são doenças autolimitadas e não justificariam o uso de medicamentos antigripais, no entanto, a procura é alta para o alívio imediato da

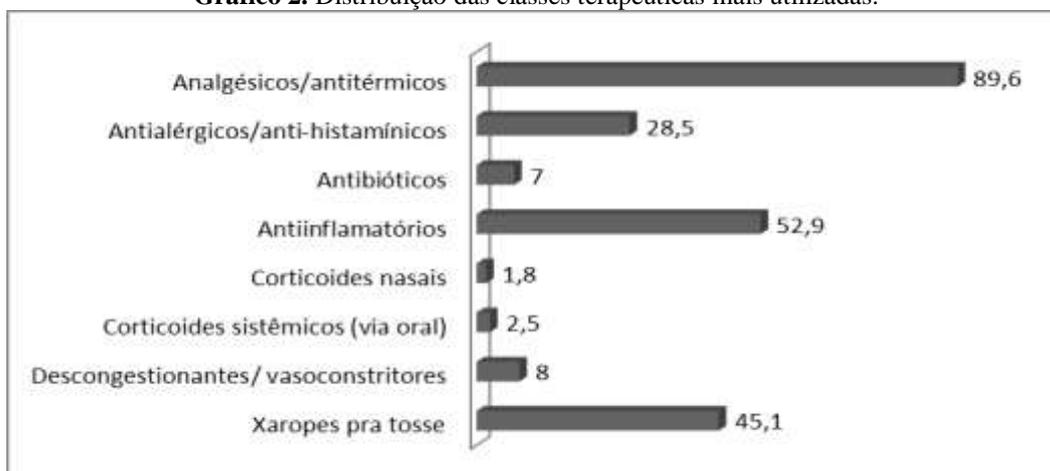
sintomatologia, porém, como qualquer outro medicamento, é necessário ser usado com cautela.

Neste estudo foram mencionadas as diferentes classes de medicamentos consumidas com mais frequência pelos clientes, ressaltando que poderiam marcar mais de uma opção no questionário. Como indicado no gráfico 2, os analgésico-antitérmicos tiveram um percentual de 242 (89,6%), afirmando ser o mais utilizado das categorias, por serem fármacos que no modo direto agem no alívio da dor e são acessíveis

a compra sem receita médica. Por isso, constantemente os usuários pressupõem que são isentos de riscos, porém na maioria das vezes causam complicações para a própria saúde. Outros subgrupos terapêuticos utilizados são os anti-inflamatórios, com uma proporção de 143 (52,9%), por possuírem ação múltipla como antipirética, anti-inflamatória e

analgésicas, são abundantemente buscado para o alívio de dores, corroborando desta maneira com os resultados obtidos por Silva (2014) no estudo sobre a automedicação em acadêmicos do curso de farmácia e Rodrigues e Pereira (2016), em seu estudo sobre prevalência da automedicação entre acadêmicos.

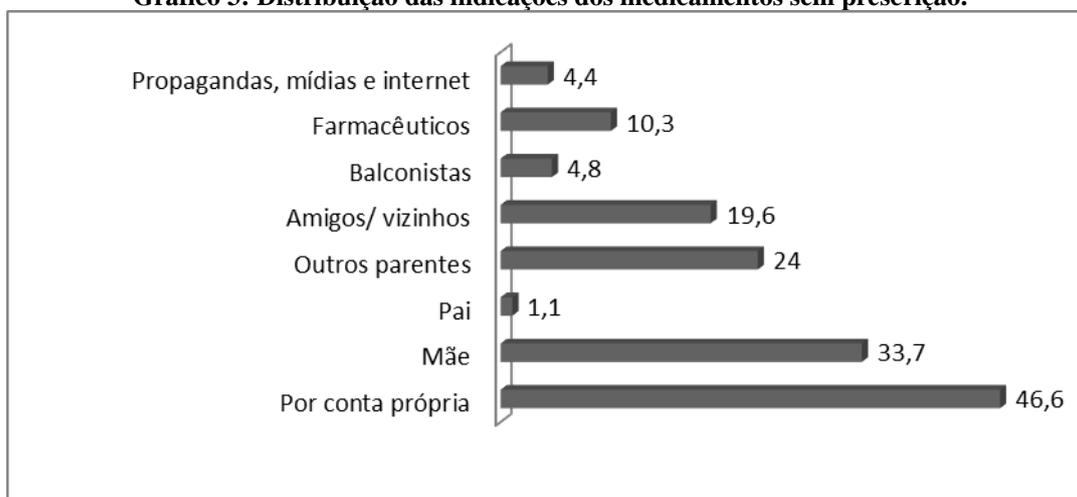
**Gráfico 2.** Distribuição das classes terapêuticas mais utilizadas.



Conforme demonstra o gráfico 3, a maioria dos fármacos utilizados sem prescrição médica foram por indicação da mãe com 91 (33,7%) dos clientes, seguida por parentes com 65 (24,0%), outros por indicações dos balconistas onde 13 (4,8%). Oliveira et al. (2013), relatam que apesar de os balconistas possuírem prática e experiência quanto aos nomes dos fármacos e, muitas vezes sobre sua indicação terapêutica, não possuem entendimento específico sobre os diferentes princípios

ativos, levando muitas vezes a erros na escolha do medicamento. Desta forma, a orientação farmacêutica é de suma importância no momento da dispensação, fazendo com que a presença do farmacêutico evite o uso irracional dos medicamentos. O presente estudo mostrou que somente 28 (10,3%) dos entrevistados procuram orientação farmacêutica antes do uso da medicação.

**Gráfico 3: Distribuição das indicações dos medicamentos sem prescrição.**



Dos 270 participantes da pesquisa 211 (78,1%) afirmaram ler e seguir as instruções da bula que acompanha o medicamento, enquanto os outros 59 (21,9%) afirmaram não ler a bula, obtendo as principais informações sobre o medicamento através de conversas com amigos, parentes, vizinhos, balconistas de farmácias, farmacêuticos e em alguns casos buscam

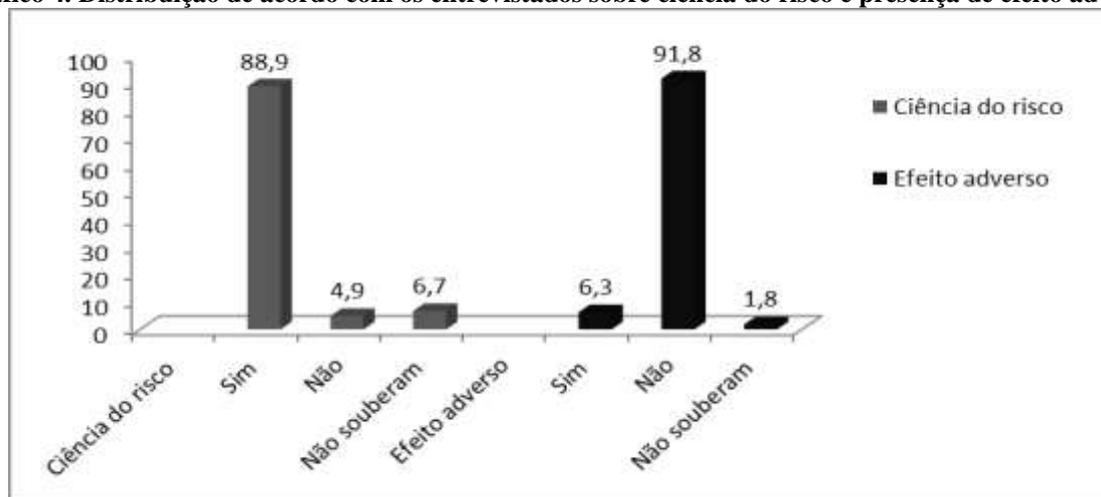
por informações fornecidas pela internet. Dados semelhantes a estes foram obtidos no estudo de Matos et al. (2018), onde 185 (68,5%) das pessoas entrevistadas afirmaram ler a bula, porém esse número se eleva quando se refere a importância dessa prática, pois 247 (91,5%) dos entrevistados concordam que a bula traz informações relevantes sobre o medicamento.

Com relação ao ato de se medicar e os riscos que podem trazer à saúde mais da metade dos clientes 240 (88,9%) relatam que sim, outros 17 (6,2%) não sabiam informar sobre os possíveis riscos que a automedicação poderiam lhes causar e 13 (4,9%) afirmam que tomar medicamentos por conta própria não traz danos nenhum a saúde, dados ilustrados no gráfico 4. Esses dados apontam para os riscos da automedicação em que o indivíduo consome fármacos sem adequado

conhecimento sobre seus efeitos indesejados, sendo capaz de provocar danos irreversíveis ao organismo (OLIVEIRA; GOMES; SILVA, 2013).

Este estudo revelou que a maioria dos entrevistados 248 (91,8%) não apresentaram efeitos adversos aos medicamentos utilizados pela prática da automedicação. Apenas 17 (6,3%) responderam já ter apresentado algum tipo de efeito adverso, enquanto 5 (1,8%) não souberam informar.

**Gráfico 4. Distribuição de acordo com os entrevistados sobre ciência do risco e presença de efeito adverso.**



Os resultados foram compatíveis com o estudo realizado por Furlan (2015) sobre os efeitos adversos, o qual mostra que 14 dos 20 entrevistados (70%) que utilizaram medicamento sem prescrição médica relataram não ter apresentado nenhuma reação adversa causada pela medicação, enquanto apenas 6 pesquisados (30%) afirmaram ter sentido alguma reação. O que pode ter levado ao grande percentual de pessoas sem reação adversa é o fato de que os entrevistados não tenham percebido os sintomas por acreditarem serem características da própria doença.

## CONCLUSÕES

A prevalência da automedicação é um problema preocupante e desafiador no Brasil, já que compreende questões econômicas, sociais e culturais. Além de outros fatores como a propaganda e o marketing das indústrias farmacêuticas que influenciam o consumo desses produtos (medicamentos) de maneira descontrolada, o que trará mais lucros e consequentemente mais investimentos para as mesmas. Porém, as informações contidas nas campanhas publicitárias na maioria das vezes não são claras podendo desencadear maiores riscos de intoxicações. Com os resultados deste estudo pode-se observar o quanto é comum à prática da automedicação, isso explica o motivo pelo qual a mesma vem sendo objeto de estudo e ganhando destaque nos últimos anos. Sendo assim, a educação em saúde e a assistência farmacêutica são fundamentais para promover o uso racional, através da orientação e conscientização das pessoas que se os medicamentos não forem usados da forma adequada não surtirá o efeito desejado e ainda

desencadear outras patologias. Por isso é imprescindível garantir a dispensação adequada e incentivar o uso correto de medicamentos, garantindo assim a segurança e a eficácia da terapia, minimizando os riscos de intoxicações e internações hospitalares causadas por medicamentos, desenvolvendo assim melhores níveis de prevenção e promoção à saúde, através de um melhor aproveitamento dos recursos e das informações disponíveis.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, T.; MALAFAIA, G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. *Abcs Health Sciences*, v. 39, n. 3, p.153-159, 2014.
- ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: <[http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso\\_indiscriminado.pdf](http://www.anvisa.gov.br/propaganda/folder/uso_indiscriminado.pdf)> Acesso em 30.09.2018.
- BELO, N.; MAIO, P.; GOMES, S. Automedicação em idade pediátrica. *Nascer e Crescer: Birth and Growth Medical Journal*, v.26, n. 4, p.234-239, 2017.
- BORGES, F. S. A. *A automedicação em estudantes universitários da Faculdade de Ceilândia*. 2013. 49f., Monografia (Bacharelado em Farmácia) Universidade de Brasília, Ceilândia-DF, 2013.
- FAVARO, P. R. A. et al. Influência da mídia na automedicação. In: 11º Congresso Nacional de Conhecimentos, 2017. Porto Seguro - Bahia. Anais...

**Congresso Nacional de Estudante de Saúde.** p. 1-12, 2017.

FREITAS, V. P.; MARQUES, M. S.; DUARTE, S. F. P. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. **Id On Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 39, p.25-37, 2017.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox)**. Disponível em: <<https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files/1-Medicamentos-1.pdf>>. Acesso em 11/09/2018.

FURLAN, B. T. Os efeitos adversos e riscos associados à automedicação: avaliação do conhecimento da população de Americana, SP e região. 2015. 63f. Monografia (Especialização) - Curso de Biomedicina, Faculdade de Americana, Americana, 2015.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 12, p.3323-3330, 2012.

GARCEZ, E. A. M. S.; BRITO, K. S. A. F. Classes Terapêuticas mais Consumidas no Município de Ceres - GO no ano de 2012. III Jornada de Pesquisa e Iniciação Científica, 2012, Ceres-GO. Anais ceres. **III Jornada de Pesquisa e Iniciação Científica da Facer Faculdades** - Faculdade de Ceres, v. 3, p. 1 - 11. 2012.

KLINGER, E. I.; SCHMIDT, D. C.; LEMOS, D. B. et al. Intoxicação exógena por medicamentos na população jovem do Rio Grande do Sul. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 1, n. 1, p.1-8, 3 out. 2016.

LEITE, M. M. S.; MONTEIRO, A. B. Análise das intoxicações medicamentosas no estado da Paraíba em 2017. **Journal Of Biology & Pharmacy And Agricultural Management: Biofarm**, v. 14, n. 2, p.124-130, 2018.

MARINHO, M. M.; CASTRO, R. R.; MARINHO, E. S. Aplicativos para dispositivos móveis: um caminho para automedicação? **Revista Expressão Católica**, v. 4, n. 2, p.1-9, 2015.

MATOS, J. F.; PENA, D. A. C.; PARREIRA, M. P. et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p.76-83, 2018.

MOURA, V. S.; LEÃO, A. M.; NEVES, E. et al. Cuidados farmacêuticos na automedicação dos idosos. **Revista Científica Núcleo do Conhecimento**, v. 9, p.11-34, 2018.

OLIVEIRA, R. I. B.; GOMES, A. T.; SILVA, D. A. Prática da automedicação por clientes de uma farmácia comunitária do município de muriaé - MG. **Acta Biomedica Brasiliensia**, v. 4, n. 2, p. 90-105, 2013.

PAIM, R. S. P.; R. P.; LUNELLI; Z.. K.; MENON P. et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p.47-54, 2016.

RODRIGUES, C. R.; PEREIRA, I. A. G. Prevalência da automedicação entre acadêmicos da universidade estadual de Goiás – Campus Ceres. **Revista de Biotecnologia & Ciência**, Anápolis, v. 5, n. 1, p.36-52, 2016.

SILVA, A. L. S. **Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia, em uma instituição de ensino superior, n o município de João Pessoa - PB.** 2014. 50f. Monografia (Especialização) - Curso de Farmácia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2014.

SILVA, I. M.; CATRIB, A. M. F.; MATOS, V. C. et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 1, p.1651-1660, 2011.

SILVA, J. G.; GOMES, G. C.; COSTA, A. R. et al. A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação de enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE On Line**, Recife, v. 6, n. 12, p.1570-1577, 2018.

SILVA, K. O.; MASCARENHAS, G. D. M.; LIMA, I. F. S. et al. Índice de automedicação na cidade de Cordeiros - BA. **Integrart**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p.140-151, abr. 2015.

SILVA, Y. A.; FONTOURA, R. Principais Consequências da Automedicação em Idosos. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, Valparaíso de Goiás, p.75-82, 2014.

SOTERIO, K. A. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 2, p.1-15, 2016.

SOUSA, H. W. O.; SILVA, J. L.; S. NETO, M. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 5, n. 1, p.67-72, 25 ago. 2008.

VASCONCELOS, D. M. M.; CHAVES, G. C. AZEREDO, T. B. et al. Política Nacional de Medicamentos em retrospectiva: um balanço de (quase) 20 anos de implementação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 8, p. 2609-2614, ago. 2017.